

Walter Colli, professor da USP e ex-presidente da CTNBio

A guerra dos transgênicos

Por Bruno Blecher

PROFESSOR TITULAR aposentado da Universidade de São Paulo (USP), o médico Walter Colli, aos 70 anos, não deixa de ir diariamente ao Instituto de Química (IQ), onde ainda leciona e dirige um grupo de pesquisa. Na realidade, o professor ausentou-se do IQ por três dias todos os meses nos últimos quatro anos, período em que presidiu, em Brasília, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio).

Responsável por analisar todas as pesquisas e produtos que envolvam organismos geneticamente modificados no Brasil, o órgão é formado por doutores especialistas em várias áreas ligadas à biossegurança, como medicina, agronomia, meio ambiente e até saúde do trabalhador.

À frente da comissão, Colli conseguiu destravar a pauta, que acumulava pedidos de liberação comercial protocolados há mais de dez anos. Em razão disso, enfrentou uma forte oposição de grupos contrários ao avanço da biotecnologia agrícola. Em entrevista a *Agroanalysis*, o médico especialista em biologia molecular fala abertamente sobre como enfrentou a oposição, suas opiniões sobre os transgênicos e como, em sua visão, fez a ciência prevalecer nas decisões da comissão.

AGROANALYSIS Como o senhor chegou à CTNBio?

WALTER COLLI Tenho formação médica, mas sempre trabalhei em biologia molecular. O diretor do Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde — Moysés Goldbaum, meu contemporâneo na Faculdade de Medicina

da USP — me telefonou informando que o meu nome tinha sido o mais citado em uma consulta a entidades da sociedade civil para ocupar um assento na nova CTNBio, que estava sendo formada em 2006. Quando o ministro da Ciência e Tecnologia, Sergio Rezende, viu-me como membro da comissão, disse que gostaria que eu me viabilizasse para ser o presidente. Somos colegas na Academia Brasileira de Ciências (ABC). Como a eleição é por lista tripla e eu estava na lista em primeiro lugar, ele me escolheu. Aí já começou o problema com as organizações não governamentais (ONGs).

AGROANALYSIS Que problema foi esse?

COLLI As ONGs questionaram as entidades que haviam me indicado. Só reconheciam a ABC, e contestavam a representatividade da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e outras. Ninguém havia sido citado mais que duas vezes, e eu fui quatro vezes. Isso tudo levou um ano, com idas e vindas na Justiça, até que a minha escolha foi considerada regular. Enquanto isso, houve boicotes.

AGROANALYSIS Foi algo pessoal?

COLLI Não. Pessoalmente, o que houve foi que os grupos de oposição à biotecnologia já tinham percebido minha posição em favor da ciência, porque fui membro suplente na CTNBio em 2002.

AGROANALYSIS O senhor acha que os opositores contumazes dos transgênicos acreditam que eles são perigosos?

COLLI Acredito que não. Acho que essas pessoas partiram para uma posição político-ideológica que não tem a ver com biossegurança. Até porque, quando falamos em transgênicos pensamos em soja ou milho, mas a transgenia tem um papel fundamental na área da saúde que não é questionado. Na produção de hormônios mais seguros e de insulina, por exemplo, ou na produção de antimaláricos ou óleo diesel por leveduras modificadas. Enfim, tem tanta coisa transgênica no mercado... O pessoal concentra a oposição ao alimento transgênico e eu demorei a entender isso. Vacinas, até algodão, eles deixam passar. O grande problema é milho, arroz e soja — aquilo que o ser humano consome diretamente.

AGROANALYSIS Os membros da CTNBio contrários aos transgênicos não usam argumentos científicos?

COLLI Eram obstruções. Eles não tinham argumentos científicos. Se a comissão é técnica, eles não deveriam estar lá. Se eles querem impedir a liberação de uma semente transgênica porque dizem que a empresa que detém sua patente representa o imperialismo norte-americano, eu respeito, mas a CTNBio não é o local para este tipo de argumentação. Isso é da alçada do Conselho Nacional de Biossegurança (CNBS).

AGROANALYSIS Mas o senhor concorda com os argumentos socioeconômicos contra os transgênicos?

COLLI Eu até respeito, mas não concordo. Acho que um país se constroi pensando nos interesses globais do país, e não em

desgastar supostos interesses de outrem. O Brasil é exportador de *commodities* agropecuárias. Como competir globalmente com uma agricultura de subsistência? Mas, fazer de conta que o produto faz mal ou degrada o meio ambiente para boicotar, é algo que continuo não entendendo. Não dá para negociar desse jeito.

AGROANALYSIS O senhor vai continuar na CTNBio?

COLLI Não. Acho que o meu período foi extremamente peculiar, de tensões, de exposição na mídia, até contra o meu desejo. Ficou uma marca e já estou com 70 anos. Se eu tiver que voltar, tenho que ter um intervalo para descansar.

AGROANALYSIS O trabalho burocrático é muito cansativo?

COLLI É, muito embora o ministro Rezende tenha ampliado o número de vagas para técnicos na CTNBio, o que facilitou muito o trabalho. Praticamente dobrou o número de técnicos. A partir do segundo semestre de 2009, decidimos que eles passariam a fazer grande parte do trabalho burocrático, sem prejuízo das decisões que continuam sendo tomadas pela comissão. E é preciso explicar que o trabalho da CTNBio não é apenas liberar a comercialização de sementes transgênicas. Qualquer pesquisa no Brasil em que se mexe no genoma de um organismo precisa passar pela comissão. E cada vez mais a ciência moderna se utiliza dessas técnicas de biologia molecular. Então, os técnicos passaram a cuidar da análise burocrática de processos como os Certificados de Qualidade em Biossegurança (CQB) e das composições das Comissões Internas de Biossegurança (CIBios), que precisam existir em todas as entidades com CQB. Na Austrália, o sistema funciona dessa maneira, por exemplo, inclusive com os funcionários do governo tomando as decisões. Mas o que há é muito trabalho entre as reuniões. Discutir, perguntar, cobrar pareceres para poder colocar a roda para andar. Isso dá trabalho, mas faço com base em meu escritório na USP, em São Paulo.

Marcello Casal Jr./ABR



“A Europa irá mudar de postura quanto ao plantio de transgênicos a partir de 2010, e aí eu quero ver como ficam os que fizeram campanha contra ou se calaram”

AGROANALYSIS Que recompensa o senhor sente por este trabalho?

COLLI Fui convidado pelo governo da Holanda para palestrar em um congresso da Comunidade Europeia sobre organismos geneticamente modificados, que ocorreu em Haia no último mês de novembro. Falei por 30 minutos sobre como eu encontrei e como deixo a CTNBio. Mas vi que o Brasil já era um paradigma, uma estrela, em questão de legislação de biossegurança. O Brasil é citado como o país que conseguiu fazer uma lei boa. E aí tenho que fazer minha ressalva, porque a lei é boa, mas ainda cheia de defeitos. Mas a vantagem é que ela previu uma comissão que é multidisciplinar — a decisão de biossegurança é somente de um órgão, a CTNBio, e o processo não fica pulan-

do de órgão em órgão, como no passado. Senti que a Europa está usando o Brasil como espelho. E aqui todo esse trabalho de análise de risco da construção genética é feito por um único órgão federal que tem apenas 15 funcionários — isso tem que ser ressaltado — e que fez o que fez nos últimos quatro anos. Devo muito a esses poucos funcionários. Você verá que a Europa irá mudar de postura quanto ao plantio de transgênicos a partir de 2010, e aí eu quero ver como ficam os que fizeram campanha contra ou se calaram.

AGROANALYSIS O senhor considera os resultados de sua gestão satisfatórios?

COLLI Sob o ponto de vista das liberações comerciais, quando entrei havia dois produtos aprovados. Nos meus quatro anos

de presidência foram mais cinco variedades de algodão, 11 de milho, uma de soja e sete vacinas para porcos e aves, num total de 24 produtos. Aprovamos variedades de milho que estavam protocolados desde 1998. Imagine o atraso que essa demora representou para o País. Valeu a pena resistir, pois a única soja que aprovamos foi feita na Embrapa, com tecnologia brasileira, e permitirá ao Brasil solicitar estudos na China para comercialização.

AGROANALYSIS Que conselhos o senhor daria ao sucessor?

COLLI A CTNBio tem mais de um membro capaz de assumir a presidência. Não tenho que dar conselhos. Mas, para responder à sua pergunta, eu diria que o novo presidente da CTNBio só tem um caminho para desempenhar bem sua função: pedir pareceres aos especialistas da comissão e aos melhores cientistas brasileiros e colocar os processos em votação. Enquanto o ministro de Ciência e Tecnologia, normalmente um cientista, for favorável à tecnologia, estaremos bem. Quando se conhece o processo de construção dos transgênicos, sabe-se, de antemão, que não farão mal. O cientista sabe que, nos alimentos, o DNA e as proteínas cuja síntese ele comanda são degradados no estômago e no intestino, e que o gene não passa de planta para planta no meio ambiente. Se fosse assim, nós que temos bilhões de bactérias no corpo já teríamos nos tornado bactérias. O que o presidente precisa é ter paciência e ser perspicaz para perceber os movimentos de bastidores.

AGROANALYSIS O que pôde sentir lá sobre a oposição europeia aos transgênicos?

COLLI Tive o prazer de conversar 30 minutos com a ministra da Agricultura da Holanda, Gerda Verburg, e pude apreender durante os trabalhos que a Europa vai mudar de atitude. Eles estão cansados da oposição de alguns países presos a raciocínios antitransgênicos, que interferem e impedem o progresso dos outros países da União Europeia. A proposta que vi na Holanda agora é parecida com a lei brasileira, mas adaptada. A ideia é haver uma



“Nos alimentos, o DNA e as proteínas são degradados no estômago e no intestino, e o gene não passa de planta para planta no meio ambiente”

comissão europeia que fará uma análise de riscos baseada só em ciência. Essa comissão analisa se o produto traz riscos à saúde humana e animal ou se é deletério ao ambiente, como aqui. Se essa comissão vetar o produto, ele estará vetado em toda a UE. Mas, se essa comissão aprovar, o produto estará liberado para plantio, a

menos que considerações socioeconômicas e de conveniência política, feitas independentemente em cada país da União Europeia, sejam impeditivas. O país que não quiser plantar não planta, mas não impede seu vizinho de plantar. Até a França, citada como baluarte contra os transgênicos, é o país com maior número de experimentos de campo com esse tipo de semente na Europa. Ou seja, é só ser aprovada a comercialização desses produtos que eles estão prontos para entrar.

AGROANALYSIS A oposição aos transgênicos está diminuindo?

COLLI Acho que a oposição só vai arrefecer quando a Europa deixar de se opor aos transgênicos. Acho também que vamos deixar de ter problemas quando o Brasil resolver suas questões fundiárias, que não têm nada a ver com ciência. Sem entender por quê, movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) fazem oposição aos transgênicos. Mas no Rio Grande do Sul, assentados do próprio MST utilizam soja transgênica, e quando se questionam os ativistas sobre isso eles dizem que não podem fazer nada, porque os lavradores gostam da soja transgênica. Ora, é claro que gostam, dá mais lucro! Quando se eliminam os componentes políticos, tudo se resolve. Além disso, a indústria alimentícia tem medo da reação do consumidor aos transgênicos, mas o consumidor não liga para isso. Os movimentos contrários são feitos por minorias organizadas de ativistas, altamente barulhentas, cuja técnica é infundir o medo irracional.

AGROANALYSIS O que fará agora, ao deixar a CTNBio?

COLLI Penso em escrever um livro de memórias, pois arqueei tudo nesses últimos quatro anos. Tenho muitas coisas que quero contar. E já fui, mesmo sem ser perguntado, indicado como membro da Comissão de Ética da USP, pelo Conselho Universitário. Agora, já que me puseram lá, se passar na minha frente alguém que escorregou na casca de banana, não vou perder. ■